
REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **O artista e o artesão**. Texto da aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal. Brasília, 1938.

ARTIGAS, Vilanova. **O Desenho**. Texto da aula inaugural do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1967.

CORINALDI, Vittorio. **Ironias do destino**: Dror ontem e hoje. São Paulo: Associação Dror, 2019.

FALBEL, Anat. **Lućjan Korngold**: a trajetória de um arquiteto imigrante. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FRIESEL, Sigue. **Chail Bror**: História do Movimento e do Kibutz Brasileiros. [S. l.]: Editora Jerusalém, 1956.

IOKOI, Zilda. **Intolerância e resistência**: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil. **São Paulo**: Humanitas, 2004.

KAHN, Louis. **Forma y Diseño**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1984.

KATINSKY, Julio Roberto. Evocação de um Sanovicz, Abrahão. **Revista da Pós**, FAU-USP, dez. 2000, p. 258-259.

MILGRAM, Avraham. **Fragmentos de Memórias**. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Pássaros da liberdade**: jovens, judeus e revolucionários no Brasil. São Paulo. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. **Uma utopia militante**: três ensaios sobre o socialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

SINGER, Paul. **Poder, Política e Educação**. Conferência de abertura da XVIII Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 1995.

SANOVICZ, Fernanda. **Abrahão Sanovicz, desenho e gravuras**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

SANOVICZ, Abrahão. Depoimentos de Abrahão Sanovicz no Centro Cultural São Paulo. **Projeto**, São Paulo, n. 58, dez. 1983, p. 36.

SILVA, Helena A. Ayoub. **Abrahão Sanovicz**: o projeto como pesquisa. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Helena A. Ayoub. **Abrahão Sanovicz arquiteto**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2017.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta formada pela Escola da Cidade em 2025
gasanovicz@gmail.com

Campos em disputa: reflexões territoriais sobre os Campos Elíseos

Coordenação: Anna Juni e Pablo Hereñú

Orientação: André Vainer, Anna Juni, Carol Tonetti, Cristiane Muniz, Fernanda Barbara, Fernanda Britto, Gleuson Pinheiro, Marina Canhadas, Pablo Hereñú, Ricardson Ricardo, Vinicius Andrade, Vito Macchione

Orientadores assistentes: Bruna Marchiori, Guido Otero, Guilherme Pianca, Hugo Rossini, Isabella Beneduci, Laís Santos, Luísa Martins, Marília Villas, Nathielle Ricardo, Rodrigo Messina, Victor Salgado, Victoria Braga, Vinicius Costa

Pesquisa: Estúdio Vertical, 1º semestre de 2025.

Estúdio Vertical é um ateliê de pesquisa e proposição com interesse no campo ampliado da arquitetura e do urbanismo. O termo “vertical”, presente em seu nome, designa uma de suas características peculiares: a integração de estudantes provenientes de diferentes momentos da graduação¹ em um mesmo grupo de trabalho. Ao traçar uma linha imaginária entre os anos e organizar equipes mistas² de conformações, muito provavelmente, únicas, o estúdio aposta no compartilhar de experiências e no aprender com o outro, desenvolvendo capacidades de participação em trabalho coletivo (escuta, argumentação, negociação, relacionamento e gerenciamento).

Seu ciclo semestral tem início com a introdução de um tema responsável por pautar os debates coletivos e embasar os processos de cada grupo. O tema e a maneira como ele é apresentado devem ser abrangentes a ponto de estimular abordagens e metodologias multidisciplinares que articulem capacidades e conhecimentos adquiridos em demais disciplinas do curso (e também fora dele). Por essas razões, ainda que haja um tema e um enunciado como ponto de partida comum a todos, o panorama final do semestre expõe uma pluralidade de trabalhos que revelam diferentes linguagens de reflexão e comunicação, alargando, inclusive, os limites da definição sobre o que é um projeto.

Desde a primeira experiência, em 2002, ano inaugural de funcionamento da Escola da Cidade, até o momento atual, o Estúdio Vertical passou por muitos ciclos de coordenação, resultando em saudáveis variações de abordagens, ênfases e propostas pedagógicas. Composta pelos professores Anna Juni e Pablo Hereñú, a atual coordenação, iniciada no primeiro semestre de 2025, tem como premissas gerais a busca por um diálogo mais próximo com interlocutores externos à Escola da Cidade e um olhar muito atento às preexistências materiais e imateriais. O primeiro Estúdio Vertical proposto pela dupla de coordenadores teve como tema o bairro dos Campos Elíseos, localizado no centro da cidade de São Paulo, sob o título “Campos em disputa: reflexões territoriais sobre os Campos Elíseos”.

CAMPOS EM DISPUTA

Nas últimas décadas os Campos Elíseos vem sendo objeto de intensas disputas entre a população local, majoritariamente negra e pobre, e o mercado financeiro e imobiliário, que permitem identificar, com grande didatismo, como as políticas públicas associadas aos interesses privados vêm moldando os processos de urbanização na cidade de São Paulo.

O histórico da região está associado a uma sequência de “projetos urbanos”³ que muitas vezes utilizam a construção de

um equipamento como pretexto para a aplicação da declaração de utilidade pública em grandes áreas, e assim promover remoções, expulsões, desapropriações e demolições em massa. Tem sido usual que nesses processos as ferramentas do poder público se aliem ao capital de grandes empresas através da realização de Parcerias Público-Privadas (PPP).

Em 2024, os Campos Elíseos voltou ao centro do debate com o anúncio do concurso público de projeto para o Centro Administrativo do Governo do Estado de São Paulo, idealizado pela gestão do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, núcleo São Paulo (IAB-SP). O edital do concurso tinha como premissa inegociável o arrasamento total de cinco quadras em torno da Praça Princesa Isabel (24, 34, 46, 48 e 52), onde vivem centenas de pessoas, bem como a eliminação do Terminal de Ônibus vizinho. Segundo uma estimativa da mobilização "Campos Elíseos Vivo: Reconstruir Sem Destruir", somente a fase de demolições movimentaria algo em torno de 80 mil caçambas de entulho e um custo de aproximadamente 35 milhões de reais. Após a conclusão do concurso, e com o Estúdio Vertical em andamento, o Governo do Estado continuou expandindo o seu projeto de gentrificação com as reiteradas e violentas tentativas de eliminação da Favela Moinho, a última favela do centro da cidade de São Paulo, e a expulsão do Teatro de Contêiner da Cia. Mungunzá e do coletivo de mulheres cis e trans Tem Sentimento, duas iniciativas que desenvolvem um trabalho social de extrema importância para o território.

Assim como os "projetos urbanos" que o antecederam, o Centro Administrativo se apoia na ideia de "revitalização" para criar a imagem de um território vazio e sem vida, à espera de ser recuperado e reocupado. A narrativa oficial criada para estigmatizar o território como um lugar inerte, subutilizado, degradado e perigoso, é uma das estratégias de validação do apagamento das muitas vidas que ali existem e resistem.

No entanto, é importante esclarecer que a questão aqui colocada não é ser contra a realização de melhorias urbanas na região, que, pelo contrário, são muito necessárias

e desejadas. O exercício consiste em debater a quais interesses e de quem esses projetos estão a serviço e em pensar um outro projeto possível, cujas proposições partam das pessoas, das dinâmicas, das relações, das construções e das paisagens desse lugar, ou, em outras palavras, das existências materiais e imateriais. Sendo assim, a única premissa do semestre era que as investigações desenvolvidas pelas equipes surgissem a partir da experiência e da interação com agentes do e no território. Para isso foi organizado um roteiro composto por visitas e encontros com uma gama variada de agentes (movimentos sociais de moradia, pesquisadores acadêmicos, artistas, companhias de teatro, jornalistas, militantes e coletivos que trabalham com a redução de danos na dependência de drogas e geração de renda para pessoas vulnerabilizadas). Essas aulas que embasaram o início do curso foram nomeadas pela coordenação de Semanas de Imersão.

SEMANAS DE IMERSÃO E CADERNOS DE CAMPO

A Aula Inaugural realizada no Teatro de Contêiner da Cia. Mungunzá foi ministrada pela convidada Raquel Rolnik, professora e coordenadora do LabCidade, um laboratório de pesquisa e extensão da FAU-USP que há anos tem se dedicado a estudar as disputas presentes no território dos Campos Elíseos. Além de Rolnik pudemos escutar as falas de alguns membros da companhia de teatro, terminando a noite com uma confraternização no Bar da Nice, ponto de encontro e resistência localizado em meio ao fluxo.

Na segunda aula, "Cinema em Campo, documentários sobre as PPPs dos Campos Elíseos e sobre a Favela do Moinho" foram exibidos no cinema-bar-museu Soberano, da Rua do Triunfo. O debate após as projeções contou com a participação dos repórteres e documentaristas Caio Castor e Julia Dolce, do agente de redução de danos e militante social do Coletivo de Convivência É de Lei Cleiton Ferreira, e do artista visual, conhecido no território pelo



FIG. 1:

Foto aérea com demarcação da Praça Princesa Isabel, as quadras afetadas pela PPP Campos Elíseos e a Favela do Moinho. Fonte: Google Maps, 2025. Edição dos autores.



FIG. 2:

Projeto vencedor do Concurso para o Centro Administrativo do Governo do Estado de São Paulo, projeto de Ópera Quatro Arquitetura. Fonte: <https://www.operaquatro.com.br/projeto/centro-administrativo-do-governo-de-sao-paulo/>.



FIG. 3, 4, 5 E 6:
Cartazes das atividades das Semanas de Imersão.
Fonte: Elaboração dos autores.

seu trabalho com o Coletivo Paulestinos, Átila Fragozo.

Em "Campos coletivos", fomos recebidos no Edifício Carlos Marighella, uma habitação coletiva do programa Pode Entrar Entidades, para ter uma aula com Sidnei Pita, liderança da ULCM, e moradoras do local. O tema da luta por moradia no centro apareceu também em "Campos ocupados", dia em que uma aula-caminhada pelo bairro foi conduzida pelos professores convidados e pesquisadores da região, Lizete Rubano e Guilherme Petrella, com a participação do então estudante Joel Quena Paco. A caminhada finalizou com um encontro na Ocupação Mauá, onde o grupo teve a oportunidade de ouvir e conversar com Neti Araújo (MMLJ) e Raquel Guimarães (ASTC SP).

Na última aula, "Campos privados: mercado imobiliário e PPPs", os arquitetos Eduardo Della Manna e Marcelo Ignatios fizeram uma apresentação a partir da perspectiva da especulação imobiliária.

Outra novidade proposta pela coordenação nesse semestre foram os Cadernos de Campo. Todas as equipes

receberam no início das aulas uma pasta com folhas A3 e a elas foi solicitada a produção semanal de uma folha-síntese que comunicasse aquilo que estava sendo investigado e discutido internamente. Após a orientação, as folhas deveriam ser afixadas em um mural coletivo para que todos os professores e colegas pudessem visualizar os desenvolvimentos dos trabalhos; estas deveriam permanecer no mural por uma semana, até serem substituídas pela folha seguinte. Ao final do semestre as folhas agrupadas na pasta constituíram cadernos de memórias dos processos de pesquisa que registram seus caminhos, dúvidas, voltas e descobertas.

Algumas das folhas desses Cadernos de Campo ilustram a segunda parte do artigo. Na impossibilidade de se publicar todos os trabalhos desenvolvidos, selecionamos quatro de natureza bastante distintas, como uma tentativa, já falha de partida, de tentar dar conta de um panorama muito diverso: uma performance, um site, um ensaio projetual e a construção de um cine-carrinho.



FIG. 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 E 14:
Registros das atividades das Semanas de Imersão.
Fonte: Baú Escola da Cidade (Clara Chaddad e Catarina Godke).

GRUPO 01

Q37: RESTOS E IMAGENS

Orientadores: Anna Juni e Guido Otero
Equipe: Bruno Maschio, Caroline Sottovia,
Gabriel Wissenbach e Guilherme Tedesco

Este museu de tudo é museu como qualquer outro reunido; como museu, tanto pode ser caixa de lixo ou arquivo. Assim, não chega ao vertebrado que deve entranhar qualquer livro: é depósito do que aí está, se fez sem risca ou risco.

(João Cabral de Melo Neto, Museu de Tudo, 1975)

Q37: Restos e imagens reúne a memória material de uma guerra em curso, tendo como ponto de partida a história da quadra 37, localizada entre as ruas Helvétia, Largo Coração de Jesus e as alamedas Dino Bueno e Barão de Piracicaba.

Através de coisas e palavras, o trabalho conta a história da cidade, sua política higienista e seu racismo de Estado, uma história de expulsões, emparedamentos, demolições, destruições e violações dos direitos humanos. As pesquisas históricas, documentais, bibliográficas e os resquícios e escombros coletados nas tantas idas ao território encontram-se reunidos na maleta: um dispositivo para recolher, guardar, preservar e registrar o processo de transformação desse lugar em uma ruína programada e projetada pelo Governo do Estado e do município.

A maleta é um museu itinerante que pode ser levado para todos os cantos. Assim como os caixeiros viajantes que habitavam os Campos Elíseos nas primeiras décadas do bairro, ela não transporta apenas objetos, mas também carrega histórias de um lugar ao outro. Em seu interior podem ser encontrados: uma fotografia aérea da quadra 37 realizada no dia 12 de abril de 2025; uma maquete da quadra 37 em escala 1.500; um bloco de concreto; 4.380 blocos de concreto em escala 1.100; uma axonométrica síntese do projeto para as quadras 37 e 38; 3 pedaços de madeira; 1 fragmento de estuque ornamental; 1 fragmento de tijolo cerâmico; fragmentos de telha cerâmica; fragmentos de piso cerâmico; um pedaço de cimento

usado para lacrar a quadra; um pedaço de asfalto; uma barata morta; o relato da moradora de uma das pensões demolidas; o relato de Seu Pereira; 22 imagens históricas do bairro provenientes de diversos arquivos; 9 fotografias das revoltas tenentistas; 8 fotografias do incêndio do palácio; 2 retratos, um do Gleite, outro do Nothmann; a planta do bairro de 1882; o relato de Seu José; 44 renders de propostas para o Novo Centro Administrativo do Governo do Estado de São Paulo; e um texto escrito pelo grupo.

O trabalho final foi apresentado como uma performance⁴ sobre a história da quadra e do bairro, embasada por um texto de histórias e estórias, desenvolvido ao mesmo tempo como uma contra-narrativa aos discursos oficiais e um exercício de imaginação.

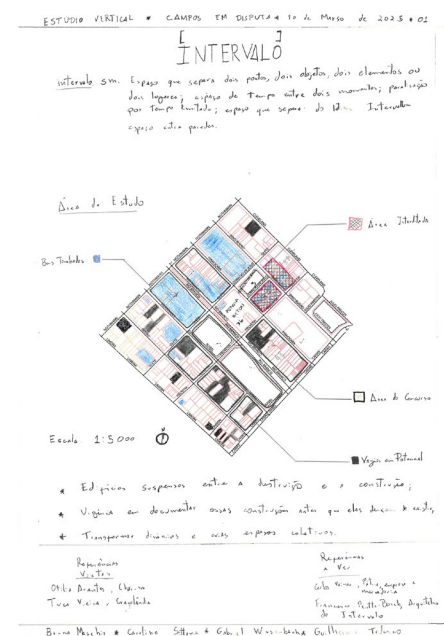


FIG. 15: Página do Caderno de Campo do G01. Identificação dos bens tombados, das ruínas e vazios produzidos pelas PPPs e demarcação das quadras do concurso do Centro Administrativo do Governo do Estado. Fonte: Elaborado pela equipe.



FIG. 17: Página do Caderno de Campo do G01. Foto aérea do estado atual das quadras 37 e 38. Fonte: Gabriel Wissenbach, estudante, em abril de 2025.

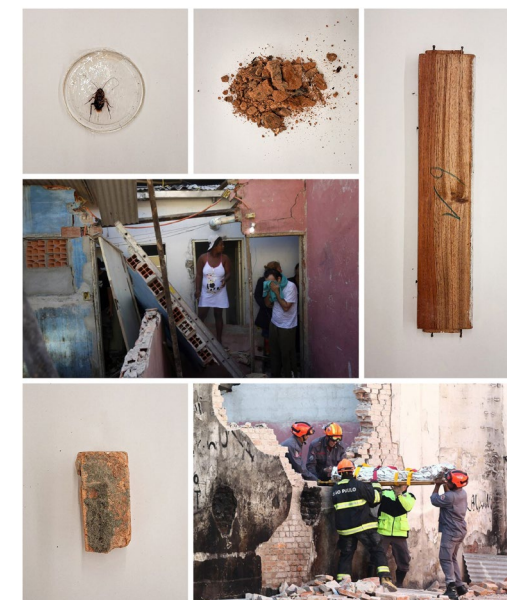


FIG. 16: Página do Caderno de Campo do G01. Desabamento fere pessoas em processo de remoção e demolição das quadras 37 e 38 em maio de 2017. Fotografias dos materiais recolhidos nas quadras pelo grupo em 2025. Fonte: Elaborado pela equipe.



FIG. 18: Realização da performance Q37: Restos e imagens, na Escola da Cidade, em junho de 2025. Fonte: Baú Escola da Cidade (Clara Chaddad e Catarina Godke).

GRUPO 02
CAMPOS ELÍSEOS: TERRITÓRIO EM DISPUTA (SITE)

Orientação: Carol Tonetti e Hugo Rossini
Equipe: Guilherme Pace, João Puntoni, Laila Klajmic e Rogério Tanan

O site reúne os resultados de uma pesquisa multifatorial sobre as disputas de interesses travadas nos Campos Elíseos pelas Parcerias Público-Privadas (PPP), com foco nos acontecimentos recentes, atrelados ao projeto do Centro Administrativo do Governo do Estado de São Paulo, que prevê a demolição de quadras no entorno do Parque Princesa Isabel, e as tentativas de remoção da Favela do Moinho.

O trabalho articulou dados públicos, saberes locais e representações gráficas para compreender as dinâmicas sociais, urbanas e ambientais da região. O grupo produziu também um material a partir de reiteradas idas ao território. Por meio de entrevistas, conversas com a comunidade e observações em campo, as múltiplas camadas que compõem o cotidiano local – suas potências, fragilidades, conflitos e desejos – foram captadas. Esses elementos revelam uma leitura sensível e crítica, embasadas por estudos acadêmicos de diversas áreas, verdadeiros contra-argumentos que visibilizam as violências e os interesses em jogo. O objetivo do trabalho era realizar uma análise das questões presentes no território considerando tanto informações disponibilizadas por plataformas governamentais e pela mídia quanto as experiências vividas por moradores, coletivos e organizações sociais da região.

Todo o material foi sistematizado e disponibilizado em uma plataforma digital,⁵ criada especialmente para tornar o estudo acessível e dialogar diretamente com quem ali vive, fortalecendo os vínculos entre conhecimento técnico e saber popular, entre análise e ação. A curadoria se organizou em torno dos eixos: conflito, cultura, sujeitos, espaço e acervo, que estruturam textos, registros fotográficos e representações visuais. Mais do que apresentar informações, o trabalho buscou devolver conhecimento à população local, fomentar o debate público, criticar o senso comum e fortalecer vínculos entre técnica e saber, pesquisa e ação comunitária, ao passo

que a visão predominante nos grandes veículos sobre o território não confere com a realidade vivida.

Este trabalho é, acima de tudo, uma devolutiva à população local, uma forma de compartilhar informações, apresentar outros pontos de vista sobre as ações em curso, fomentar o debate e contribuir para a construção coletiva de um território mais justo e sustentável.



FIG. 19: Página do Caderno de Campo do Go2. Metodologias de coleta de dados. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

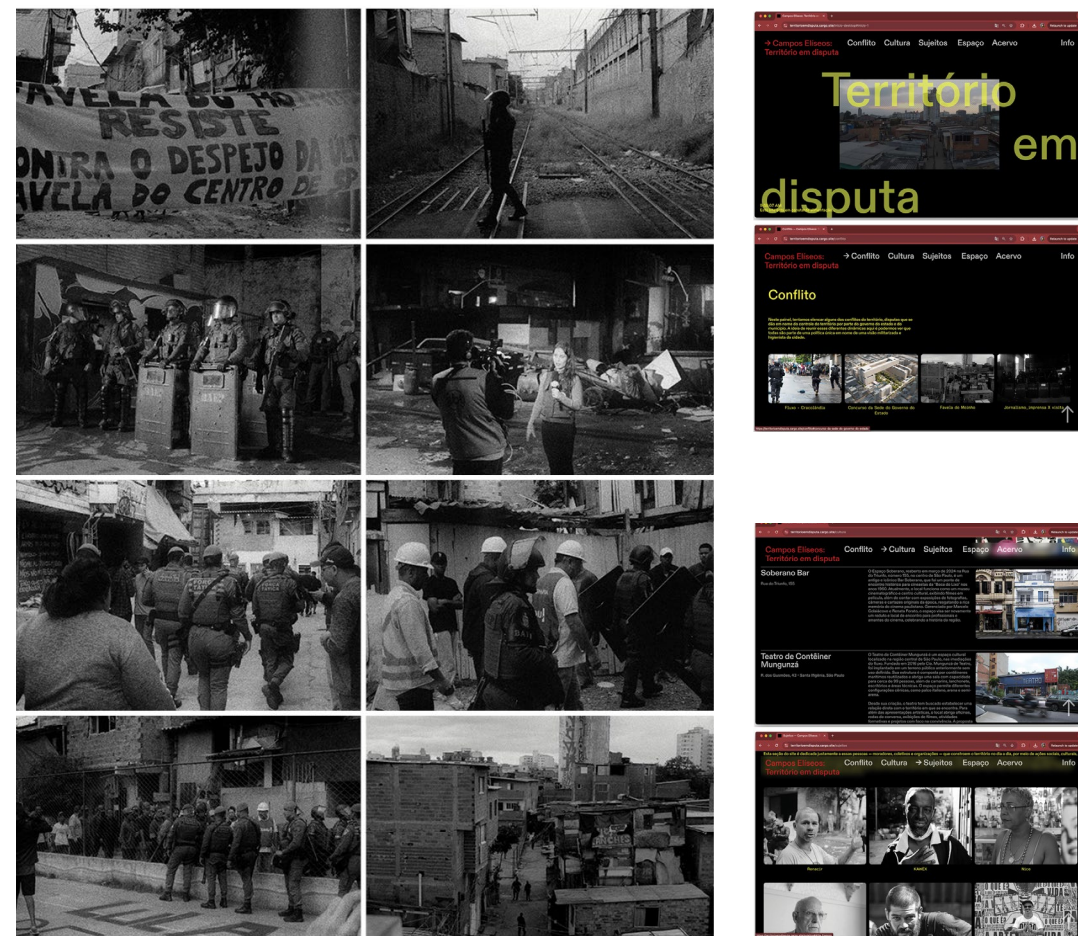


FIG. 20: Ação policial na Favela do Moinho. Fonte: Fotografias tiradas pela estudante Laila Klajmic, 2025.

FIG. 21 E 22: Capturas de tela do site finalizado. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

GRUPO 20 MEMÓRIA URBANA E CIDADE POSSÍVEL: ENSAIOS DE OCUPAÇÃO

Orientação: Fernanda Barbara
e Guilherme Pianca

Equipe: Catarina Trinca, Luana Lavor,
Mit Chandaya, Samara Guimarães e
Valentina Yusta

O trabalho enfrenta o desafio de intervir na Quadra 37, após um processo de levantamento de quatro quadras do território estudado. Nesse levantamento, buscou-se reconhecer as diversas camadas que constituem aquele lugar – construções, intervenções realizadas ao longo do tempo, vegetações, comunicações visuais de comércios, pichações, outras manifestações temporárias e as infraestruturas. Foi um esforço de reconhecer a vida existente e registrar, por meio do desenho, uma percepção mais complexa e múltipla da cidade.

A Quadra 37 surge como um ponto onde as contradições do processo vivido pela região se mostram de forma mais evidente e dramática: edificações que já abrigaram moradias, serviços e comércios, e que hoje, após expulsões e demolições conduzidas pela Parceria Público-Privada em meio à pandemia, apresentam-se como ruínas de si mesmas – acessos bloqueados, casarões deteriorados, paredes cobertas por pichações e a natureza retomando os espaços esquecidos. Reconhecendo esse território não como um vazio, mas como um intervalo entre o que já foi e o que pode vir a ser, o grupo decidiu imaginar ensaios de ocupações possíveis que dialogassem com a memória e a ruína, entendendo as transformações urbanas como camadas sobrepostas ao longo do tempo. O processo foi construído a partir de visitas à região, caminhadas de reconhecimento e registros fotográficos que evidenciaram o estado atual da quadra, somados a um estudo aprofundado sobre a história local e as dinâmicas das Quadras 37 e 38.

Também foram mobilizadas referências como o trabalho de Lacaton e Vassal, que defendem a ideia de não demolir, mas sim valorizar e reativar o existente, perspectiva que orientou mudanças de rumo no projeto ao longo do semestre. Inicialmente voltado para uma reocupação do local sem considerar a força da natureza que resistia

no espaço, o trabalho transformou-se em uma proposta que valoriza a escuta do lugar e de suas ruínas, aceitando-as como parte essencial da identidade urbana.

Tomando como parâmetro o programa elaborado a partir do Fórum Mundaréu da Luz, foram traçados cenários e propostas para a quadra. O resultado é a proposição de um futuro que não nega a história, mas a incorpora como base para criar novas relações entre espaço, memória e cidade – com a natureza como chave de revitalização –, culminando na proposta de novas habitações e usos públicos que respondem às necessidades contemporâneas do território.

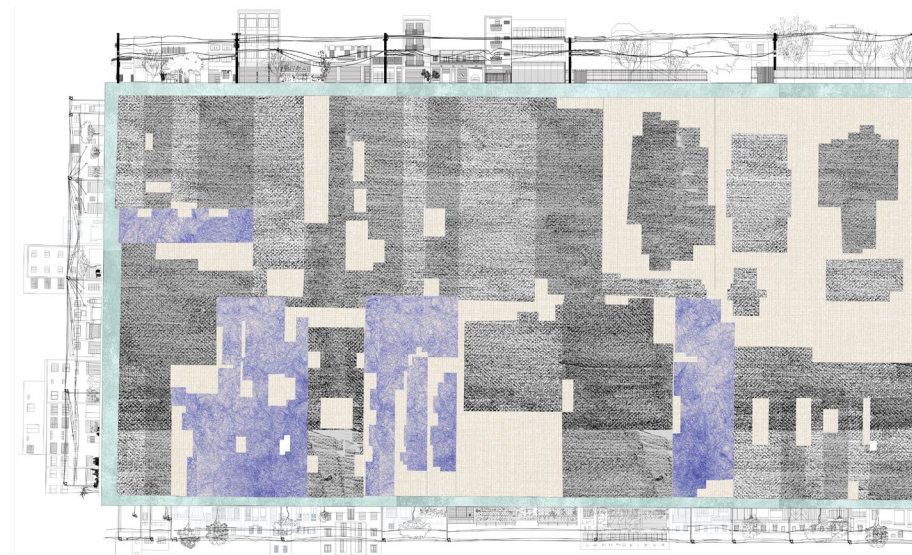


FIG. 23: Página do Caderno de Campo do G20. Aproximação do território através de levantamento de uma das quadras dos Campos Eliseos. Edificações consolidadas (em preto), edificações em desuso (em roxo) e recuos e vazios (em bege). Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

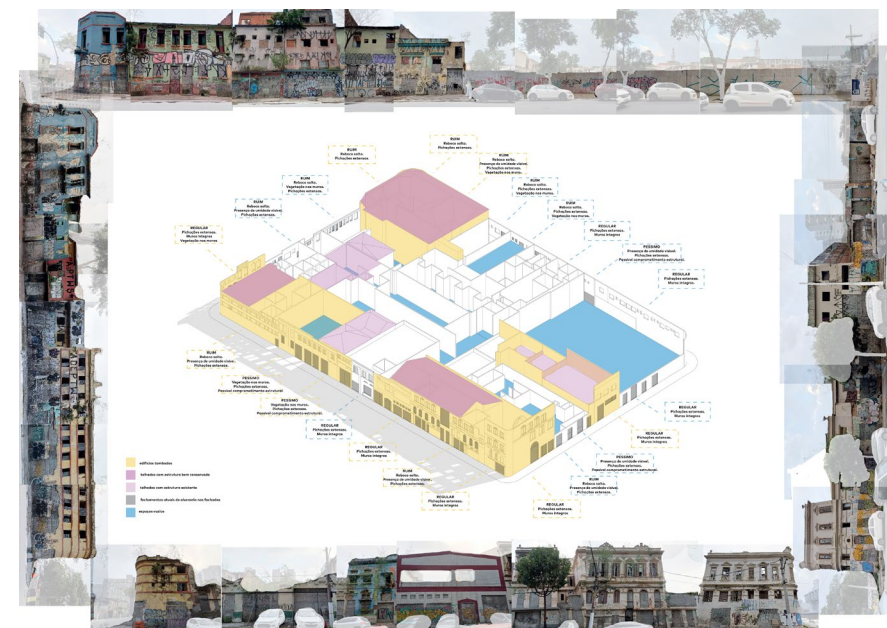


FIG. 24: Página do Caderno de Campo do G20. Fotos de aproximação das edificações da Quadra 37. Destaque para a forte degradação impulsionada pelas ações recentes na região. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

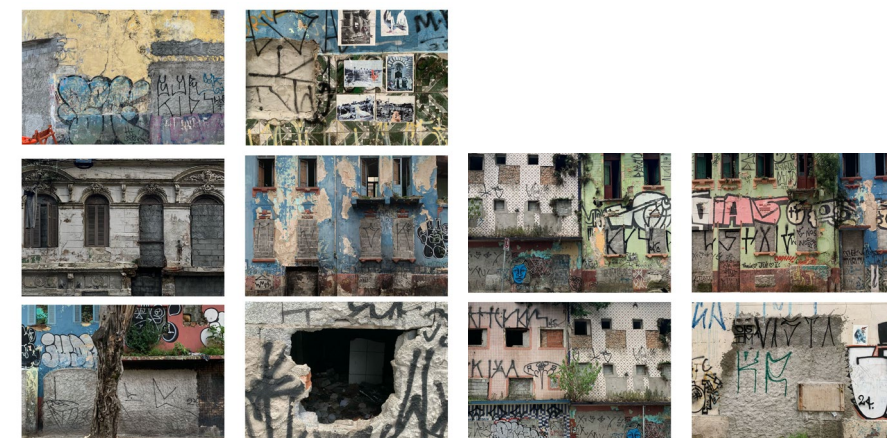


FIG. 25: Página do Caderno de Campo do G20. Levantamento da Quadra 37, seus edifícios, estados de conservação, estruturas e vazios. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

GRUPO 23
CARRINHO CINE FLUXO

Orientação: Pablo Hereñu e Victoria Braga
Equipe: Clara de Oliveira Borges, Enzo Erico Moraes Amadei, Guilherme Kabata Noguti, Yuri Mikael Tsubouchi Alves de Souza e Mario Daloia

O Cine Fluxo é um coletivo de cinema independente que realiza exposições de obras audiovisuais no fluxo da Cracolândia, uma das cenas abertas de uso de drogas mais conhecidas do Brasil. Utilizando um carrinho, uma bateria, um projetor e caixas de som, e por meio do vínculo construído com os usuários ao longo do projeto, o Cine Fluxo oferece momentos de lazer e acolhimento para a população desprotegida socialmente pelo Estado, promovendo o acesso à arte e ao diálogo social. Em 2024, com o apoio da Lei Paulo Gustavo de Incentivo ao Audiovisual, o grupo conseguiu adquirir equipamentos profissionais, além de garantir verba para alimentação, insumos de higiene e redução de danos. Essa estruturação possibilitou a expansão do projeto para outras localidades, como a Favela do Moinho, o Largo do Arouche, a Ocupação Mauá, a Aldeia Tekoa Itakupe e demais áreas do território da Luz e Campos Elíseos. Em 2025, o coletivo iniciou uma nova etapa, o Oficinas Cine Fluxo, com um foco ampliado em formação e produção audiovisual.

O carrinho é a ferramenta que proporciona a mobilidade das ações realizadas pelo Cine Fluxo em diferentes localidades e espaços urbanos. A partir da aproximação com o coletivo, suas projeções de filmes e oficinas, o Grupo 23 escolheu como mote de trabalho a realização de um novo dispositivo de transporte dos equipamentos de projeção e som, até então realizado de forma improvisada com um carrinho de mercado.

A construção do novo carrinho, realizada na Oficina da Escola da Cidade, partiu de uma base de metalon garimpada em um ferro velho. A estrutura metálica foi reformada e adaptada para receber um volume construído de chapas de madeira reutilizadas, anteriormente usadas como formas de concreto, que resguardam e organizam internamente os equipamentos por meio de prateleiras, nichos e aberturas. As chapas de madeira foram associadas

por meio de cantoneiras metálicas (permitindo a montagem e desmontagem do carrinho quando necessário) e suas faces laterais foram perfuradas em círculos de 2,2 cm de diâmetro e 6 cm de espaçamento, que melhoram a ventilação da bateria e a saída do som, além de permitir o encaixe de penduradores feitos de cabo de madeira. Por fim foram acopladas à estrutura quatro rodas pneumáticas, resistentes às adversidades presentes nas ruas e calçadas, e um cano para hastear a bandeira do coletivo.

O trabalho foi selecionado pela 14ª Bienal de Arquitetura de São Paulo. A participação na programação contou com a projeção de um filme sobre o trabalho do coletivo, feito por muitas mãos e com a participação ativa de quem vive o território e constrói o Cine Fluxo no dia a dia.⁶



FIG. 26: Página do Caderno de Campo do G23. Participação em oficina de produção audiovisual do Cine Fluxo em março de 2025. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

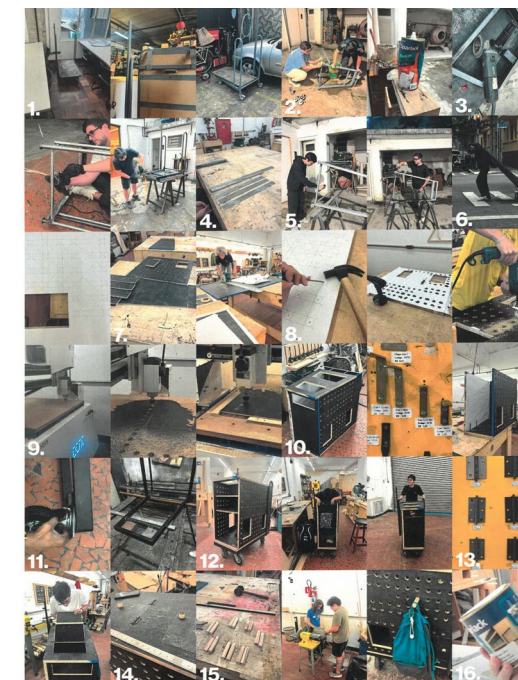


FIG. 27: Página do Caderno de Campo do G23. Construção do novo carrinho na Oficina da Escola da Cidade. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.



FIG. 28: Página do Caderno de Campo do G23. Testes de uso do novo carrinho pelo Cine Fluxo na rua e na Ocupação Mauá. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.



FIG. 29A E 29B:
 Página do Caderno de Campo do G23. Testes de uso
 do novo carrinho pelo Cine Fluxo na rua e na Ocupação
 Mauá. Fonte: Elaborado pela equipe, 2025.

NOTAS

1. Os anos que participam no primeiro semestre do Estúdio Vertical são o 3º, 5º e 6º anos; enquanto no segundo semestre os 2º, 3º e 4º anos.
2. As equipes são compostas por quatro estudantes, distribuídos em aproximadamente 30 grupos. O número de grupos varia de acordo com o número de estudantes matriculados no semestre.
3. Foi o caso do projeto Nova Luz que incluía a construção de um polêmico Complexo Cultural projetado pela dupla suíça Herzog & de Meuron, da PPP Habitacional, Casa Paulista e do Hospital da Mulher (Pérola Byington).
4. O vídeo pode ser acessado pelo link: <https://youtu.be/ZaSIhzXxKeM>.
5. O material pode ser acessado pelo link: <https://territorioemdisputa.cargo.site/>.
6. Para ver o vídeo, acesse o link: https://drive.google.com/file/d/1Eam3-swuugmMVze2Vfcfx8JHu_yoBuym/view?usp=sharing.